

Não espere um messias para libertar-se: A palavra como instrumento de luta no caderno “Poesia de Combate” da Frelimo

Matheus Henrique da Silva Lima¹

Resumo: A partir das discussões historiográficas, fundamentadas nas abordagens da Nova História Política e Cultural, acerca das contribuições da literatura enquanto fonte para auxílio na construção da história de determinadas sociedades, o presente trabalho visa abordar como a produção literária foi utilizada enquanto instrumento revolucionário e lugar de resistência diante de um cenário que era tecido pelas lutas de emancipação ao domínio português, em Moçambique, durante a segunda metade do século XX. Desta maneira, o caderno “Poesia de Combate”, da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), suscita nuances que possibilitam abordagens históricas interligadas ao intuito de contemplar o mosaico cultural, social e político moçambicano e, também, contrastar com as narrativas impostas pelo colonizador quanto a este recorte histórico.

Palavras-chave: Independência; Literatura; Moçambique.

Don't wait for a messiah to free you: The word as an instrument for the struggle in Frelimo's “Poesia de Combate”

Abstract: In view of the historiographical discussions, based on the approaches of the New Political and Cultural History, about the contributions of literature as a source to aid in the construction of the history of certain societies, the present work aims to address how literary production was used as a revolutionary instrument and a place of resistance in the face of a scenario that was woven by struggles for emancipation from Portuguese rule, in Mozambique, during the second half of the 20th century. In this way, FRELIMO's (Liberation Front of Mozambique) “Poesia de Combate” (Raising Liberation Front of Mozambique) gives rise to nuances that enable interconnected historical approaches in order to contemplate the Mozambican cultural, social and political mosaic, and also to contrast with the narratives imposed by colonizer as to this historical outline.

Keywords: Independence; Literature; Mozambique.

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, da UFRPE. Contato:matheushenrique.historia@gmail.com

Introdução

*[...] No mundo que combato morro
No mundo por que luto nasço.
(COUTO, 1999)*

A frase acima, do escritor moçambicano Mia Couto, traz consigo a possibilidade de pensarmos um pano de fundo substancial para a construção de uma historiografia que sobreponha a narrativa do colonizador português quanto a história de suas ex-colônias em África, neste caso, sobretudo, de Moçambique. Isso porque, o combate aos desmandos coloniais aconteceu em diversas frentes, seja no uso de recursos armados ou através da palavra enquanto mecanismo de subversão e denúncia. Isso porque, a postura assumida pelos movimentos revolucionários, no que diz respeito a utilização das produções literárias, dialoga diretamente com o conceito de “Poesia Revolucionária” (SILVA; SOUZA, 2016, p. 95), uma vez que oferta um amplo repertório de temáticas, as quais possibilitam traçar perfis estéticos e ideológicos no discorrer das lutas pela libertação.

Não obstante, o caderno nomeado de “Poesia de Combate”, produzido por militantes “directamente engajados na luta armada de libertação nacional” (FRELIMO, [s. d.]), pode ser percebido como reforço ao contraste de ideias que residem nas palavras “combato” e “luto” explicitados na premissa do autor moçambicano, tendo em vista especialmente que o verbo lutar demanda uma relação mais ativa e ligada objetivamente a um arbítrio no ato de se mover de encontro ao adversário. Para além disso, a luta pode servir como mecanismo para a construção e/ou desconstrução de sentidos.

Quanto ao caderno, contém cerca de 22 poemas de autores que utilizavam pseudônimos conhecidos entre os militantes e até mesmo seus nomes comuns para abordar diversas arestas da luta armada e pela libertação. Os poemas vão de canções destinadas aos guerrilheiros até os ideais de uma pátria dita moçambicana, de um modo geral, carregam inúmeros anseios do movimento.

Neste sentido, o trecho supracitado, de Mia Couto, pode ser pensado a partir da ideia de que vencer o colonialismo português e emancipar-se de sua dominação constituíam fator basilar nas ações impressas pelos movimentos de libertação, assim sendo, a autonomia gerada pela vitória provocaria o nascimento de uma nação livre do colonizador, em outras palavras, a luta levaria a um nascer. A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), por sua vez, não

atuou de maneira distinta, no entanto, assim como todas as outras organizações, teve uma série de especificidades quanto a sua organicidade durante as décadas de 1960 a 1970.

A Frente de Libertação de Moçambique é uma organização político-partidária fundada em 1962 por Eduardo Mondlane e outros companheiros como Marcelino Santos, de caráter marxista-leninista, e foi fruto da união de uma série de grupos anticoloniais (MANU – Mozambique African Nation Union, UDENAMO – União Democrática Nacional de Moçambique e UNAMO – União Africana de Moçambique), assim como o MPLA (Movimento pela Libertação de Angola) e o PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde). Em meados da década de 1960 oficializou-se enquanto partido político e arrefeceu as atividades nas lutas pela independência. Desse modo, esteve inserida durante a viragem política, cultural e literária da década de 1950 para a de 1960, que é marcada por uma consciencialização política, na qual se desdobra em inúmeras dimensões dos embates e que desemboca transformações nos espaços literários, bem como no processo de formalização dos movimentos que digladiavam na luta pela libertação (VILLEN, 2013, p. 32-40). Todavia, só se converteu num partido único revolucionário por volta de 1977.

Além das organizações, partidos políticos e a adoção da luta armada – enquanto instrumento de resposta à violência colonial – a produção literária também é um pujante elemento presente deste recorte. Mais do que isso, os formatos de ordenação pela emancipação já ganhavam corpo com a implementação de várias ações, entre elas, a promoção de conferências. Por exemplo, em 1958, com a Conferência dos Estados Independentes Africanos, ou mesmo encontros entre líderes dos movimentos através da OUA (Organização da Unidade Africana) e CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas), todas contribuindo para o intercâmbio de formas de resistência e enfrentamento às forças coloniais.

Todavia, além da luta armada contra o exército colonial português, esses movimentos tiveram mérito de abrir ao mundo suas campanhas de crítica ao sistema de exploração sistemática e racista do regime colonial português. (VILLEN, 2013, p. 43)

E é neste âmbito que se mescla o anseio pelo “reconhecimento internacional no âmbito jurídico da legitimidade da luta armada e, por consequência, a criminalização do colonialismo” (VILLEN, 2013, p. 43). Tendo em vista as lacunas legadas pelas fraturas coloniais na história de países como Moçambique, muitos autores do campo da literatura assumiram um papel que visasse preencher esse vazio com o seu saber, dessa forma, poemas, romances, ensaios e

ontologias podem ser percebidos enquanto lugares de resistência ao domínio colonial (CHAVES, 2005, p. 147).

Quando a luta de libertação desponta, num grande desenvolvimento e vários setores assumem uma consciência nacionalista, uma série de homogeneidades das estruturas coloniais vão sendo derrubadas e, inevitavelmente, a influência da FRELIMO se estende para várias regiões de Moçambique. Dessa forma, o processo que passa a iniciar um decaimento do colonialismo português, ao comprometer física e ideologicamente sua ordem, causa sérias rupturas no tecido colonial até mesmo alcançando instituições que o sustentava (CABAÇO, 2009, p. 310-311).

Com o aumento da repressão colonial e uma pretensa necessidade de se lançar à luta armada, muitos intelectuais e militantes vão se utilizar da escrita literária para defender o projeto de libertação de seus territórios, especialmente no que diz respeito aos pioneiros: Angola e Moçambique. Nessa perspectiva, a reivindicação política passou a tomar conta de grande parte dos escritos que circulam entre as décadas de 1950, 1960 e 1970, sobretudo porque passam a se propor “como solução para eliminar as contradições internas à própria sociedade e as contradições que a opõem ao todo do espaço geopolítico [...]” (VENÂNCIO, 1992, p. 29).

Dessa forma, o caderno “Poesia de Combate” será abordado a partir de uma nuance que o percebe dentro do escopo categórico de uma “Poesia de Resistência”, isso porque, segundo Roberto Fonseca de Freitas (2010), os escritos buscam externar a ideia de que o uso dos versos tem como característica basilar a necessidade de elaborar produções inteiramente ligadas a uma linguagem engajada com os ideais militantes. No caso da FRELIMO, essa proposta é evidenciada quando os ideais que circunscrevem o seu âmbito político e suas pautas são manifestados nas produções.

Nutrindo esta linha de raciocínio e seguindo a perspectiva do historiador Roger Chartier (2015, p. 27), as aproximações entre as searas da Literatura e da História aparecem na medida em que a própria Literatura utiliza de documentos e técnicas que são preñes às condições manifestadas pelo processo de construção do conhecimento histórico. É dentro deste limbo que o historiador, ao se propor trabalhar com estes enlaces, precisa conceber “um poema, um quadro, um drama [...]” enquanto “testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência.” (FERREIRA, 2009, p. 69).

Pensando então as novas possibilidades metodológicas para a compreensão da literatura como fonte histórica, tomando-a como representação de um lugar social, político e cultural erguido pelos indivíduos colonizados, as implicações de discursos tidos como fictícios vão se

desdobrar em estratégias retóricas que condensam situações e fatos ligados as vivências dos autores (ou personagens). Afinal, segundo Sandra Jatahy Pesavento (2005), a produção de narrativas na História e na Literatura são “formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro” (PESAVENTO, 2005, p. 81).

Nesse sentido, lidar com as diferentes dimensões da produção textual envolve uma compreensão que interliga fenômenos históricos e culturais ao manifestarem visões de mundo dos grupos, suas subjetividades e emoções, ao mesmo tempo que oferecem um olhar que percebe os escritos, segundo António Celso Ferreira (2009), como algo “passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos.” (FERREIRA, 2009, p. 67). É exatamente nesta perspectiva que a literatura produzida pelos militantes ergue um certo privilégio em cujo favor, ao se propor através de um caráter de denúncia, concernente a luta e a resistência.

Sendo assim, partindo do pressuposto de que a palavra tem uma capacidade elucidativa, eloquente e política, tal como atua enquanto mecanismo para denunciar violências, o caderno de poesias produzido por militantes da organização contribui ao figurar um lugar de reflexão acerca dos desmandos coloniais. Sobretudo, pelo fato de externalizarem os ideais revolucionários que conduziam o movimento em busca da libertação de Moçambique na segunda metade do século XX. Além disso, a estética construída por esses autores traz consigo “uma espécie de reformulação da filosofia inteira [...]” (SUASSUNA, 2008, p. 24) e, ao serem entendidos dentro de suas particularidades, se faz também preciso reconhecer as inúmeras vozes nesses escritos, suas origens e a tentativa de transcender ao plano nacional e subsequentemente a um transnacional (RIBEIRO, 2015, p. 3).

Dessa maneira, o presente artigo surge enquanto proposta para contribuir na construção de uma historiografia que reafirme (e repense) o *locus* de atuação de determinados indivíduos no cenário da luta de libertação em Moçambique, sobretudo, que externalize o mosaico político-cultural contrastante à unicidade discursiva tecida nas narrativas do colonizador português. Afinal, os liames entre Literatura e História, alicerçados ao contexto histórico das ex-colônias lusófonas, se apresentam como instrumento de resistência diante das históricas únicas².

O poder de ação da poesia: uma literatura de resistência no caderno “Poesia de Combate” da Frelimo

² Seguindo a perspectiva de Chimamanda N. Adichie, ao sugerir a necessidade de transpormos os discursos que minimizam a historicidade de pessoas, povos e nações. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/adelia-a-poesia-e-a-vida-convite-para-o-3o-encontro-do-dialogos/o-perigo-de-uma-historia-unica-chimamanda-ngozi-adichie-pdf.pdf>. Acesso em 15 maio 2020.

Dos poemas analisados

Graças à Revolução em Moçambique, a poesia, como todas as outras artes, deixou de ser privilégio de uma elite, de uma classe. Os colonialistas, os capitalistas, ensinaram-nos que só pode ser poeta quem tenha andado muitos anos nas escolas, tenha frequentado as Universidades, seja quilo a que eles chamam “um intelectual”. O homem do povo, o camponês, o operário – dizem os colonialistas, dizem os capitalistas – não é capaz de sentir e compreender a poesia, e muito menos expressar-se sob forma poética. O seu desprezo pelo povo leva-os a dizer que o povo é “bruto”, “despido de sensibilidade” (FRELIMO, [s. d.], p. 1).

O trecho descrito acima encontra-se no corpo da introdução do Poesia de Combate – Caderno nº 01 de poesias (s.d), disponível no acervo digital da Fundação Mário Soares (arquivo da Casa Comum), que, de acordo com a fundação, foi publicada depois da independência e editada pelo Departamento de Educação e Cultura da FRELIMO³; porém, vale salientar que, o documento não faz parte da coleção Poesia de Combate, a qual possui três edições: Volume I (1979), Volume II (1977) e Volume III (1980) (SOUSA, 2019). Todavia, o caderno tende a realçar um dos estigmas que o colonizador buscou introjetar no imaginário mundial acerca não só do(s) moçambicano(s), mas também de grande parte – quiçá todos – dos negros africanos durante a afirmação do processo de colonização: a inexistência de sensibilidade.

E é partindo dessa contramão político-ideológica e poética, que esse compilado de escritos imprime manifestações de descontentamentos diante da realidade que os violenta. Afinal, segundo Ubiratã Souza (2019), alguns movimentos independentistas, inclusive a FRELIMO, enxergavam a poesia como uma espécie de arma. Dessa maneira, essa obra contribui para que a História enxergue a Literatura a partir de uma nuance que contemple a poesia como “[...] a forma mais densa e mais intensa da expressão verbal”, mais do que isso, que estaria ligada às experiências mais íntimas e significativas do ser humano (BOSI, 2002, p. 84).

No decorrer do século XX, vários acontecimentos, em recortes históricos específicos, possibilitaram que as produções literárias trouxessem consigo uma forte capacidade de reivindicação, bem como de uma certa obrigatoriedade no sentido de assumir posições políticas de modo mais explícito. Vale salientar ainda que, se ligada a um comportamento que visa uma autojustificação, tem sido um processo que atravessa múltiplas realidades sociais. Todavia, em

³ É importante pontuar que esse departamento é substituído pelo Departamento de Educação e Cultura da Frelimo, que ficou responsável por organizar grande parte das coletâneas de poemas no contexto anticolonial. Dessa maneira, as produções literárias passaram ser analisadas, ainda mais, pelo rigor de seus filtros intelectuais e ideológicos, segundo Souza (2019).

sociedades sob convulsões sociais, as produções passam a ser ainda mais questionadas. E é a partir desta nuance que,

No caso específico dos processos sociais, históricos, políticos e culturais envolvidos nas chamadas revoluções socialistas, os efeitos dessas convulsões políticas puseram em debate, desde os fundamentos mais remotos desses movimentos sociais, a questão do papel da literatura, da arte e da cultura em função dos objetivos e programas assumidos pelos movimentos e agentes das revoluções. Afinal, se se objetiva a construir uma nova sociedade, como a literatura se deixará afetar ou afetará a partir disso? (SILVA, 2016, p. 95)

Dessa forma, a postura assumida pelos movimentos revolucionários estabelece contato direto com a afirmação da literatura (seja através de romances, contos ou poemas) enquanto instrumento que contribui para o que Silva e Souza (2016) compreendem enquanto “Poesia Revolucionária”, uma vez que, passaram a ofertar um repertório de temáticas onde traçar perfis estéticos e ideológicos passou a ser um caminho de forte exploração. Em consonância à tal perspectiva, no caso da literatura de resistência e na poesia de combate⁴, essa

arte literária, nesse sentido, não é utilizada como aparência por diferença na realidade, pois as vozes africanas que ecoam nas narrativas transcritas da oralidade tomam a realidade como um objeto que legitima a sua literatura, o que Aristóteles chama de verossimilhança. (FREITAS, 2010, p. 3)

É neste sentido, ao trazer amplas aproximações com as problemáticas cotidianas, que a Literatura de Resistência pode ser entendida por uma perspectiva pela qual a palavra pode ser empregada com uma “função de ação” (sendo eloquente, política e fio condutor da tentativa de expressar os sentimentos mais profundos do homem) e em um “papel de contradição”, onde também é possível observar as generalidades abusivas das ideologias dominantes, pelo fato de buscarem constantemente racionalizar e justificar o poder através da língua oficializada (BOSI, 2002, p. 84-86).

No que diz respeito ao contexto em que grande parte dessas produções foram realizadas, cabe destacar que uma série de movimentos intelectuais se organizavam em torno das transformações em termos de conscientização política. Em Angola, por exemplo, as revistas Mensagem e Cultura tiveram a participação de Agostinho Neto, Luandino Vieira, Carlos Ervedosa e Ermelinda Pereira Cavier e tinham como grande temática de suas produções três eixos: a terra, a gente e as suas origens. Diante de um cenário que aprofunda as tensões em

⁴ Não as entendamos como instrumentos segmentados, mas que a poesia de combate carrega traços específicos de verbalização de diversos tocantes e pode ser apreendida como sustentáculo da Literatura de Resistência, esta que, em linhas gerais, pode ser entendida enquanto uma categoria macro, na qual abarca inúmeras formas de escrita, trazendo, a partir de cada produção literária, temáticas e objeções com direcionamentos distintos.

torno da luta de libertação, os traços poéticos passaram a se caracterizar por um ênfase na “valorização do home negro africano e de sua cultura, o de sua capacidade de autodeterminação, o da nação africana que se antevia como Estado com autoridade e existência próprias.” (FONSECA, 2007, p. 16).

Quanto a Moçambique, segundo Fátima Mendonça (2011, p. 12), o panorama esquemático que atravessa a história das produções literárias, a partir do primeiro quarto do século XX, estaria dividido em três momentos: o “proto-nacionalismo”, que se demonstra de maneira frágil e ganha fôlego nas décadas de 1930 e 1940; a viragem política marcada pelos movimentos nacionalistas e da negritude, na década de 1960; e “tendências variadas no pós-independência”. Especificamente sobre a década de 1960, a efervescência política em torno da emancipação do domínio português será um marcador fundante.

De acordo com Manuel Ferreira (1989), quatro momentos estruturam a emergência da literatura nos territórios africanos colonizados: o primeiro, o escritor vive em um estado de alienação e seus textos poderiam ser produzidos em qualquer região do globo, o que o autor intitula como alienação cultural; o segundo, por sua vez, o escritor visa manifestar mais a sua maneira de perceber a realidade, suas narrativas estão demasiadamente compenetradas pelo meio em que foram formados e esboçam o prelúdio de um sentimento nacional; o terceiro momento se materializa em um processo de consciencialização quanto ao lugar que ocupa como colonizado, o discurso preenchido de revolta e de uma desalienação ao meio se manifestam de modo mais constante; por fim, o último momento corresponde ao processo da independência nacional, através do qual a criatividade ensejou produções amalgamadas a temas como liberdade, identificação com seus lugares de origem e o orgulho do conquistado.

Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor africano vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressava a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua européia, era um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas. Ao produzir literatura, os escritores forçosamente transitavam pelos dois espaços, pois assumiam as heranças oriundas de movimentos e correntes literárias da Europa e das Américas e as manifestações advindas do contato com as línguas locais. Esse embate que se realizou no campo da linguagem literária foi o impulso gerador de projetos literários característicos dos cinco países africanos que assumiram o português como língua oficial (FONSECA, 2007, p. 1-2).

De acordo com Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira (2007), os fundamentos que estabelecem uma série de rupturas com antigas tradições literárias e

empreendem uma conformação voltada para uma consciência política, denúncias do colonialismo e reforço de ideias antisituacionistas partem das produções realizadas pela revista *Claridade* (1936-1960), em Cabo Verde, do livro *Ilha de nome santo* (1942), de Francisco José Tenreiro, do movimento “*Vamos descobrir Angola*” (1948) e da revista *Mensagem* (1951-1952), da revista *Msaho* (1952), de Moçambique e da antologia *Mantinhas para quem luta!* (1977), da Guiné-Bissau. Todavia, cabe salientar que o processo de formação da literatura de Moçambique carrega consigo suas particularidades quando contrastada com os demais, isso porque, o suporte inicial, como acontecido em Angola, foi realizado pela imprensa local, através dos jornais, com publicações contrárias às ações colonialistas.

Ainda nesse sentido, *O Africano* (1909), o *Brado Africano* (1918) e o *Clamor Africano* (1932) exerceram um papel de amplo destaque no movimento de conscientização cultural e na divulgação de ideais contrários ao colonialismo português, tendo nas décadas de 1940 e 1950 um fortalecimento de outros veículos de comunicação, como a revista *Msaho* (1952) e o jornal *Paralelo* (1957 a 1961). O *Jornal Voz de Moçambique* (1959 – 1975) também aparece como meio de comunicação fundamental na publicação de textos literários, contando, inclusive, com textos de José Craveirinha e Noémia de Souza.

Segundo Fonseca e Moreira (2007, p. 28), o panorama literário de Moçambique se divide na fase colonial, fase nacional e pós-colonial. É nesta segunda fase, porventura, que ocorre a “produção e uma literatura política e de combate, que foi cultivada, sobretudo, por escritores que militavam na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).” (p. 30). Seguindo a perspectiva das autoras, é neste momento em que surgem uma série de obras focadas em criticar as estruturais coloniais, o choque com a sociedade formada somaticamente por brancos, a exploração, a assimilação, o racismo e a condição de exclusão e inferioridade social que condenava o homem africano, entre essas obras, podemos citar *Portagem* (1965), de Orlando Mendes e *Lutar por Moçambique* (1968), de Eduardo Mondlane.

É na atmosfera das décadas de 1960 e 1970 que, por outro lado, o colonialismo português vai perdendo forças e sentindo o impacto das lutas promovidas pelas organizações político-partidárias, sobretudo, em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau. De acordo com Francisco Carlos Palomenes Martinho (2015), a pressão exercida na ditadura salazarista, a fragilidade do sistema colonial pós-segunda guerra, a publicação da carta das nações unidas, o acirramento das lutas de guerrilha, a independência de outros países africanos e as novas

percepções sobre os direitos de autodeterminação dos povos foram elementos conjunturais para o enfraquecimento da dominação portuguesa.

Este cenário vai contribuindo significativamente para respostas ainda mais organizadas e incisivas dos partidos independentistas, assim como, na difusão das produções literárias no eixo da poesia de combate. Então, é em diálogo com os elos presentes entre uma linguagem política e uma linguagem engajada com os ideais militantes, como mencionado anteriormente, que o primeiro poema analisado, faz parte de um caderno publicado em 1969, pela editora Nova Aurora, intitulado de Poesia de Combate/Frelimo (1969), e apresenta a Revolução enquanto mecanismo utilizado em busca da tão idealizada liberdade. Para além disso, chama atenção porque pode ser utilizado como arquétipo do que se compreende enquanto processo revolucionário (numa proposição combativa as imposições do colonizador).

Como dizer-vos o tamanho do nosso sonho?
Durante séculos
esperámos
que um messias viesse libertar-nos
Até que compreendemos
Hoje
a nossa Revolução
é uma flor imensa
em que cada dia se acrescentam
novas pétalas
as pétalas são a terra
reconquistada,
o povo libertado,
os campos cultivados,
as escolas, os hospitais.
O nosso sonho tem o tamanho
da Liberdade. (FRELIMO, [s. d.], p. 1)

A partir desse poema, podemos tomar como condicionante o diálogo entre a produção literária e os ideais militantes, a medida em que a poesia de combate estaria sendo expressa nos objetivos interligados ao “acrécimo de pétalas”. Isso porque, as pétalas são a metáfora acerca das terras reconquistadas do domínio português, a libertação do povo, o retorno do cultivo do campo para fins destinados aos nativos, as escolas, os hospitais, mas, sobretudo dimensiona a liberdade como principal sonho. Em termos gerais, a linguagem militante aparece de forma bem explícita e dialoga com propostas estabelecidas pela organização.

Ainda de acordo com Silva e Souza (2016), a expressão “poesia de combate” faz referência, dentro de uma temporalidade, a três camadas de possíveis significação, uma que se encarrega de dialogar diretamente com o título e suas referências com práticas culturais; a segunda parte, para um campo mais conceitual e faz alusão a uma dimensão teórica e

epistemológica da própria poesia, da cultura e da literatura em geral diante de uma contextualização histórica e social específica. No caso de uma revolução socialista, segundo os autores, eventualmente a poesia tende a assumir um caráter normativo e prescritivo atrelada a uma conjunção de normas e formulações que englobam seus usos e intencionalidades. Por fim, a dimensão prática, que diz respeito ao conjunto de textos postos em circulação e recebidos enquanto “poesia de combate”, assim, assumem caráter não só descritivo, mas passam também a fazer parte da mobilização de um *corpus* de articulações estéticas comuns e diferenciais (SILVA, 2016, p. 96-97).

É importante destacar que esse sentimento revolucionário passa a ser retratado também em outros manuscritos para além da própria FRELIMO ([s. d.], p. 1), como por exemplo, no “La Poésie Africaine de Combat” (A poesia Africana de combate), de Manuel Pinto de Andrade (primeiro presidente do MPLA). Uma vez que, nesta produção, também disponível no acervo da Casa Comum (Fundação Mário Soares), o intelectual, na primeira parte, faz questão de intitula-la de a “primeira resistência” e elucidar a forte ligação entre a oralidade e musicalidade que atravessam os costumes, mas, também, o papel da produção literária enquanto manifestação cultural de suma importância frente ao recorte histórico.

Alguns jornais também apareciam com essa finalidade, como o “Suplemento Cultural”, especificamente uma matéria publicada em Março de 1977, intitulada de “Poesia Africana de Combate: O Farol da Liberdade”, trazendo consigo outra possibilidade de definirmos o que é a poesia de combate ao nutrir o caráter de algo que é algo produzido de dentro para fora.

Ainda num trecho dessa matéria, o periódico propõe dizer que a expressão literária anda consonante com o movimento de libertação nacional, ao trazer “os cantos tradicionais, exprimindo a glória dos primeiros heróis da resistência, quer os poemas em circunstância, compostos durante o período colonial, ou ainda os poemas surgidos na nova guerrilha do homem em Angola (..)”. Nesse sentido, acabam por servir de espaço para denotar uma construção maturada da poesia africana, já que ela também poderia ser vista enquanto “o espelho que reflecte a imagem ampliada da resistência dos povos contra a opressão, mas é mesmo o farol que guia a longa marcha para a liberdade (...)”⁵. Dessa maneira, a análise realizada com os poemas selecionados, consideram a poesia de combate enquanto linguagem direta no trato para com a manifestação de ações contraproducentes ao regime colonial.

⁵ Mário Pinto de Andrade (1977), “Nô Pintcha - Órgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo”, nº 293, Quinta, 3 de Março de 1977, CasaComum.org, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_86103// (2018-7-13). Acesso em: 10 jun. 2018.

O caderno de nº 01, que também está disponível no acervo digital da Fundação Mário Soares, ainda em sua introdução, reata um pouco da perspectiva de teóricos como Alfredo Bosi (2002), Roberto Freitas (2010), Rejane Silva e Ubiratã Souza (2016) acerca da importância da poesia em contextos de luta e resistência. Isso porque, a organização expressa a ideia de que a poesia “é também uma palavra de ordem”, pois quando o poeta escreve ele se alegra em “possuir uma espingarda”, ao mesmo tempo que “ele empunha-a realmente, como realmente tem nas mãos o calor da enxada [...]”, mais do que isso, a poesia ela “nasce da necessidade, da realidade.” (FRELIMO, [s. d.], p. 2).

É condensando essa nuance de Bosi (2002), que se pressupõe o poeta com a capacidade de realizar observações profundas ao captar e externar seus valores através de imagens, figuras, timbre de vozes, gestos e outras formas que são portadoras de sentimentos experimentados pelo leitor ou pressentido no outro. Assim sendo, para o autor, a Poesia de Combate pode ser analisada sob duas formas: como tema e como processo inerente à escrita. Pensar essa inerência tem a ver diretamente com conceber os lugares sociais que um escritor/poeta ocupa e, neste caso, as produções manifestam um viés militante: a convocação. O poema a seguir, de A. Rufino Tembe, intitulado de “Irmãos de que esperam”, contido no “Poesia de Combate – Caderno nº 1”, demonstra a tentativa de construir um engajamento da escrita com as dimensões prática da realidade

Irmãos! De que esperam?
Estão sempre passando dias...
E o português jamais se transformará,
Deveis lutar pela liberdade de Moçambique!
[...] Procurem o vosso caminho de liberdade,
Dirigi-vos por onde estão os outros.
Dirigi-vos por onde estão os outros...
Pegar na arma contra Salazar...
E só assim poderão amanhã,
Ver os vossos pais livres da opressão [...] (FRELIMO, [s. d.], p. 4)

Alguns elementos presentes neste escrito denotam como a necessidade de manter um vínculo era basilar para manutenção do ideal revolucionário, especialmente se considerarmos que o uso da palavra “irmãos” se generaliza, tanto quanto o termo “Pais”, já que no verso seguinte o autor coloca o povo numa relação de proximidade: “Para que os vossos pais.../Querendo dizer, o Povo,/Do qual viestes e para qual voltareis [...] (FRELIMO, [s. d.], p. 4). O apelo convocatório para a luta contra Salazar, alicerçado ao anseio pela derrubada de toda a opressão, se apresenta enquanto pano de fundo para erguer um sentimento que se espraia e conecta os indivíduos, especialmente, “Se expulsardes o vagabundo do Salazar.”. Tendo em vista sobretudo que “Sofrestes desde há séculos [...] Trabalhastes e ganhastes nada [...]”

(FRELIMO, [s. d.], p. 4). O que então poderia não os motivar a empreender a emancipação? O autor não só sugere, mas também provoca o leitor.

Outro fator que pode ser observado na escrita do poeta-militante é o caráter denunciativo que seu poema alimenta, afinal, externaliza o processo de exploração que os irmãos atravessam desde muito tempo. Além do mais ainda finaliza afirmando que os “irmãos” são “[...] oprimidos dentro do vosso País.” (FRELIMA, [s. d.], p. 5). Uma característica importante dos poemas analisados e da escrita poética que faz parte do caderno é a busca por cantar “[...] a construção de um África livre” e, também, exibir ao mundo “as mazelas da opressão colonialista.” (FONSECA, 2007, p. 44).

Mazelas essas que podem ser refletidas tomando como base outro poema dessa coletânea, denominado “Moçambique chorou e chora”, do militante Jackson, uma vez que a metáfora do choro está atrelada às violências perpetradas pelas ações coloniais do governo português. O autor, para ratificar esta premissa, escreveu: “Moçambique chorou e chora/Os filhos ouviram e perguntaram/ De que chora nossa mãe?/ Moçambique chorando explicou/ Chorei e choro das riquezas/Que os colonos me arrancam /Que muito me serviria/Para vocês todos meus filhos.” (FONSECA, 2007, p. 5)

Concomitantemente, e permanecendo numa linha de escrita bastante objetiva, o poeta concede fôlego a ideia de que Moçambique só cessaria seu choro a medida em que os ladrões de suas riquezas pudessem ser expulsos de seus territórios

[...] Os filhos de Moçambique decidiram
Afastar os ladrões que levam
As riquezas da sua mãe
Que a eles muito bem pertencem.
Agora Moçambique chora de Alegria
Pelo trabalho dos seus filhos
Que é para ela para sempre
Ficar livre dos ladrões. (FONSECA, 2007, p. 5)

Desse modo, é imprescindível entender essa escrita literária, e a poética que a permeia, como instrumento que pode manifestar não apenas críticas diretas ao sistema colonial, mas também, ao mesmo tempo, personificar o próprio território dentro do imaginário do público e, nesse sentido, provocar reflexões acerca das estruturas vigentes e que, subsequentemente, os levam a tornarem críticos e guerreiros. Como chama atenção Alfredo Bosi (2002), para a figura do poeta e do que constitui a sua escrita, afinal, estendem as possibilidades da literatura atuar sob um caráter político e de contraposição aos ideais dominantes.

As produções literárias estavam diretamente ligadas aos ideais propagados pelo movimento de libertação, sobretudo, enfatizando aspectos que atravessavam o cotidiano da relação colonizador-colonizado. Todavia, é importante destacar que desde o início da luta armada em Moçambique, por volta de 1964, até a consolidação de sua independência, em 1975, os debates no seio da FRELIMO se concentraram no dilema do “nacionalismo anticolonial” *versus* “socialismo (MACAGNO, 2009, p. 17). No entanto, é importante pontuarmos que, de acordo com autores como Rita Chaves (2019), João Paulo Borges Coelho (2019) e Alice Dinerman (2007) apontam que ao atentarmos para o fator literário dentro e na luta pela emancipação dessas ex-colônias, sobretudo no caso de Moçambique, com a FRELIMO, é necessário que não venhamos a celebrar esses combatentes por uma nuance de heróis da nação, uma vez que, a narrativa “fremilista” caminhou para um campo de afirmação de um projeto único de “verdade nacional” (CHAVES, 2019; COELHO, 2019; DINERMAN, 2007).

Neste caso, as poesias não deixam de destacar a necessidade de que ser nacionalista estaria em harmonia com as ações empreendidas para derrocar o colonialismo português em seu território. Como arquétipo disto, o poema de Malido, “Até o fim”, desnuda essa convocatória ao afirmar que a luta armada não será fácil na prática e sucessivos obstáculos aparecerão, no entanto, “Se fores verdadeiro nacionalista/ Transforma-os em glória/ Para avançares heroicamente/ Até ao fim...”. O nacionalismo anticolonial apresentado versa por um sentido explícito de apoio à revolução armada que, na perspectiva do escritor, é tida como o “método primordial”⁶.

Ainda de acordo com o escrito de Malido, a “Amada Pátria” só depende do moçambicano que se empenha em aplicar o verdadeiro “antídoto para curar o colonialismo”: empunhar armas. Afinal, a urgência dessa empreitada se dava, sobretudo, também, porque “Fora com todos os colonialistas/ Portugueses que/ Séculos e séculos te escravizaram/ Sem paga das obras que lhes fazias./ Nesses lugares tormentosos / Muitos de ti perderam suas vidas/ Só para enriquecerem a tirania /Bárbara de Portugal [...]”⁷. A convocação perpassava, em um de seus andaimes, por denunciar que a barbaridade residia no uso da tirania portuguesa em prol de seus anseios econômicos.

Os quadros oficiais da FRELIMO não escanteavam em seus discursos a importância das zonas libertadas e, ao mesmo tempo, o esforço que deveria ser empreendido na libertação de outras áreas, segundo Lorenzo Macagno (2009), os militantes da organização deveriam

⁶ *Ibidem*, p. 07.

⁷ *Idem*.

perceber na luta armada um espaço educativo, de escolarização do conflito, como uma universidade que alargaria suas visões sobre a situação de Moçambique e o aceleração da emancipação. A insistência em expurgar o colonizador era realizada também a partir dos contrastes existentes nas atitudes do próprio sistema colonial, como evidencia Alfredo Manuel em seu poema “Venceremos”:

O Sol rompeu
O homem se levanta
Para ver o que se passa em sua volta
Pega a enxada para a machamba
Os produtos são-lhe roubados
Pega o anzol para a pesca
Os produtos são-lhe roubados
Por fim ele é exigido o imposto e oprimido
Todo pensativo
Finalmente o homem descobre
De que vive preso
Ligado com os fios chamados colonialismo.⁸

É dentro de um cenário que o transformou em prisioneiro e assaltado pelas vontades alheias, pelas mãos dos “piolhos que só vivem à custa do sangue dos outros”, que o homem moçambicano deveria se rebelar e promover-se a um lugar atuante nesta luta. Porém, essa atuação só aconteceria a medida em que este homem percebesse as violências que o afligiam e, assim sendo, a educação anticolonial ministrada pela frente de libertação enquanto “antecedente ineludível” (MACAGNO, 2009, p. 18). Sem contar que, a dominação colonial não estaria conectada apenas aos campos de trabalho, mas ao imaginário dos indivíduos, por isso o autor do poema afirma o quão preciso se torna “[..] lançar fora essas garras/ Que lhe prendem as mãos pés e consciência”⁹.

Os dois próximos poemas escolhidos para serem analisados se conectam a partir da personificação de Moçambique na figura maternal, em outras palavras, na terra aparecendo como elemento da narrativa que impulsiona seus filhos a irem ao combate e desfrutarem das primazias que são suas por direitos (liberdade e riquezas). E é seguindo pela contextualização dos interesses do movimento com as produções literárias que se faz importante pontuar o papel da FRELIMO tendo forte destaque na sociedade por surgir como movimento revolucionário e se empenhar ferrenhamente na condução das ações que levassem à independência (CUCO, 2016, p. 138).

⁸ *Ibidem*, p. 08

⁹ *Ibidem*, p. 08

O poema “Foi o que disse mamã”, de Xicalavito, realça esse chamado da “mãe Moçambique” logo em seu início: “Ó filho das minhas entranhas / A quem a liberdade é pertença / Grandioso é o teu poder nestas montanhas / Não te rendas nem te canses / Batalhar até a vitória ser ganha / É o teu dever, logo, não desperdices/”¹⁰. O rumo sugerido pela produção dialoga diretamente com gestos atrelados a uma luta que demanda um esforço contínuo para sua consolidação.

Esta poesia militante, de combate, atrelada aos ideais revolucionários de uma organização política e que se destina a um público-leitor aguerrido sujeito a aplicar essa textualidade na dimensão prática da realidade, estabelece uma conexão direta com a FRELIMO: “Sê patriota e une-te na Frelimo/ Guiado serás por bons caminhos/ Não vaciles porque a acção é gloriosa/ Até que expulses os estranhos [...]”¹¹. A expulsão do estranho (colonizador) concederia um *status* de heroísmo para quem decidisse dedicar sua vida à luta. É dentro deste imaginário que o tom apelativo se expande e define a régua para ser traçada no decorrer dos conflitos: “Quem em ti deposita a confiança / É a própria tua Mãe Moçambique./ Espera obediente / As ordens dum só guia, a Frelimo”¹².

Colocando-se como intermediário mais condescendente aos desejos da população quanto da emancipação do domínio português, a FRELIMO incute a construção de uma espécie de “novo homem”, não só na ordem econômica, mas, também, no nível individual. Para além disso, essa transformação só aconteceria sob a ordem de motivações emaranhadas a uma lógica socialista evidenciada por meio da luta entre a “nova” e a “velha” ordem, a qual seria “a chave para compreender a idéia de homem novo.” (MACAGNO, 2009, p. 19).

Como mencionado anteriormente, o caráter apelativo configurado sob a égide de uma personificação de Moçambique como uma mãe – podendo até ser caracterizado por um aspecto que visasse a construção de um ideal de nação – tinha amplo uso e respaldo nas produções literárias do caderno, como poderá ser visto no último poema analisado: “Moçambique diz”, de Alfredo Manuel. A metáfora de uma terra que fala com seus filhos denota, no discorrer do escrito, como esse elemento foi utilizado com intuito de sensibilizar todo aquele que viesse a se sentir ligado a ela.

De mim saíste, p'pra mim virás.
O teu ser, dependeu de mim,
A formação do teu corpo

¹⁰ *Ibidem*, p. 09

¹¹ *Idem*.

¹² *Idem*.

Dependeu das minhas riquezas.
Alimento que te dei desde a tua infância
Até aos dias da tua adolescência
Saiu do meu solo.
O sangue que te corre nas veias
São as águas dos rios que correm em mim
Elas são as minhas veias.¹³

A construção desse novo alguém se ancorou numa perspectiva de nação com base num exercício pleno dos domínios territoriais e políticos (SARTOTI, 1982, p. 276) e, entendendo o papel da FRELIMO no recorte, essa noção deveria ser encabeçada por um movimento que pretensamente estivesse disposto a salvaguardar o povo e as riquezas no futuro. O trecho acima mostra como enraizar o indivíduo ao espaço que vive era utilizado, na linguagem literária, enquanto instrumento necessário para dar manutenção aos ideais que motivavam a luta pela independência.

Nesse sentido, é possível perceber a tentativa de aproximar o leitor e até mesmo transformá-lo em parte estrutural e estruturante do território, buscando como apoio uma perspectiva de unidade, quando o autor, num trecho seguinte, diz:

O teu pensar, é o meu desejo;
O teu combate é a minha alegria
É a minha futura Liberdade.
Para que eu seja livre, é preciso que te levantes
E derrames o teu sangue heróico, dia após dia.
[...] Para que eu venha a ficar alegre
É preciso que tu não vaciles.
O meu existir é somente para ti,
Meu filho.
Não tem lugar em mim,
Só se te portares bem, eu em ti, vice-versa.¹⁴

O uso dessas metáforas compõe uma parte do arcabouço da escrita de muitos autores que faziam parte da organização, já que explorar o público a partir das subjetividades que os mantém conectados a uma série de universos até então não contemplados, mas pertencentes ao seu cotidiano, pode se apresentar como recurso importante dentro da produção poética (SUASSUNA, 2008, p. 337). Dessa maneira, os poemas analisados constituem apenas um fragmento diante de uma larga produção literária que circula nos quadros da organização e em vários lugares da sociedade moçambicana da época, bem como se apresentam enquanto espaço

¹³ *Ibidem*, p. 12

¹⁴ *Ibidem*, p. 12.

de reflexão acerca dos ideais que foram externalizados no decorrer da luta pela independência de Moçambique frente ao domínio português.

Considerações finais

As aproximações que existem entre as narrativas históricas e literárias cada vez mais tecem espaços de análise importantíssimos para a historiografia de sociedades, grupos e indivíduos diante de determinados recortes históricos. E é neste sentido que a importância de considerar a literatura enquanto fonte para a produção de um conhecimento que digladia com as versões coloniais se demonstra como campo de estudo frutífero para o historiador. O presente trabalho, nesse sentido, visa exatamente elucidar como produções, que se equivalem de aspectos semelhantes em suas construções, servem para perceber a História e historicidade de vários países do continente africano. Para além disso, a especificação num grupo que coordenou oficialmente o movimento pela libertação do domínio português, na segunda metade do século XX, reforça ainda mais o possível vínculo entre a História e a Literatura.

A literatura de resistência e a poesia de combate assumem papel importante na manutenção de inúmeros ideais que moveram a FRELIMO durante todo o processo emancipatório, bem como atraiu inúmeros indivíduos para participar de seus quadros. Os poemas que fazem parte do caderno também se apresentam enquanto lugar de manifestação e resistência aos desmandos coloniais, sem contar que incentivam os sentimentos anticoloniais e elaboram teias que interligam o universo mental às dimensões práticas da realidade que os atravessava.

Desse modo, a poesia assume um papel de meio de confronto e combate anticolonial, em relação à suas expressões políticas e ideológicas, preservação de termos, valores, hábitos e costumes das sociedades tradicionais locais, em contraposição aos termos e discursos hegemônicos, por se tornarem um campo de valorização e expressão das experiências mais significativa (e quiçá íntimas) de seus enunciadores, os colonizados. Todavia, é importantíssimo destacar que muitos pesquisadores apontam a necessidade de não tomarmos esses agentes combatentes da luta de libertação (e produtores literários) como “heróis da nação”, uma vez que essa narrativa retroalimenta um discurso que sustenta apenas uma maneira de se perceber o projeto de nação que será tecido no pós-independência.

Em linhas gerais, o presente trabalho busca contribuir para o somatório de conhecimentos acerca da história da África colonial, sob o império português, visando sua utilização na

formação de futuros professores de História nas escolas de Pernambuco, visando, particularmente trazer o olhar dos colonizados sobre o colonizador, através da sua literatura africana. E, desta forma, contribuir de algum modo para extirpar os olhares generalistas e caminhos que afirmem uma história única – e exclusivamente contada pela literatura colonial. Em uma pesquisa futura, pretendo aprofundar questões que circunscreve a criação de uma consciência nacional e um nacionalismo a partir da CEI para os movimentos de libertação interna.

Referências

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CABAÇO, José Luis. **Moçambique: Identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do Tempo**. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique Experiência Colonial e Territórios Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, Rita. Autobiografias em Moçambique: a escrita como monumento (2001-2013). **Revista de História**, São Paulo, n. 178, p. 1-22, 2019.

COELHO, João Paulo Borges. Política e História contemporânea em Moçambique: dez notas epistemológicas. **Revista de História**, São Paulo, n. 178, p. 1-19, 2019.

COUTO, Mia. **Raiz de orvalho e outros poemas**. Lisboa: Caminho, 1999.

CUCO, Arcénio Francisco. FRELIMO: de um movimento revolucionário a partido político. **Revista NEP**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 137-152, maio 2016.

DINERMAN, Alice. Moçambique depois do socialismo a independência revisitada. **Relações Internacionais**, v. 15, p. 101-124, set. 2007 Disponível em: <http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri15/RI15_10ADinerman.pdf>. Acesso em: 08 out. 2020.

FRELIMO. (s.d.), *Poesia de Combate* - Caderno N.º 1. Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84641\(2020-5-20\)/](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84641(2020-5-20)/). Acesso em 10 maio 2020.

FRELIMO. (s.d.), *Poesia de Combate/Frelimo 1969*, Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84730\(2020-5-20\)/](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84730(2020-5-20)/). Acesso em 10 de mai. 2020.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. *In*: PINSKY, Carla; LUCA, Tania Regina de (Org.). **Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 63-84.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Noemia de Sousa. Poesia Combate em Moçambique. **Cadernos Imbondoeiro**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/13521//>>. Acesso em 10 jun. 2018.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, set. 2007.

MACAGNO, Lorenzo. Fragmentos de uma imaginação nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 70., p. 17 – 35, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo. Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Renata de Azevedo. **A memória como Bússola**: as representações do passado na obra de Mia Couto. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015. p. 109.

SARTORI, Giovani. **Partidos e Sistemas Partidários**: Série Pensamento Político. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

SILVA, Rejane Vecchia da Rocha e; SOUZA, Ubiratã. Poesia de Combate Moçambicana: tópicos de um realismo belicoso. **Revista SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 39, p. 94 -116, 2016.

SOUZA, Ubiratã Roberto Bueno de Souza. **A gravitação das formas**: gêneros literários e vida social em Moçambique (1977-1987). Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-07062019-112225/pt-br.php//](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-07062019-112225/pt-br.php//>)>. Acesso em: 08 out. 2020

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2008.

VENÂNCIO, José Carlos. **Literatura e poder na África Lusófona**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

VILLEN, Patricia. **A crítica de Amílcar Cabral ao colonialismo**: Entre a harmonia e a contradição. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.